

Ibmec São Paulo

**Faculdade de Economia e Administração**

Fernando Castro de Campos Roriz

**CARACTERÍSTICAS MORAIS DO POVO BRASILEIRO  
E SEUS EFEITOS SOBRE A ECONOMIA:  
UMA ANÁLISE DE MACUNAÍMA**

**São Paulo**

**2008**

Fernando Castro de Campos Roriz

**Características Morais do Povo Brasileiro  
e Seus Efeitos sobre a Economia:  
Uma Análise de Macunaíma**

Monografia apresentada ao curso de Ciências  
Econômicas do Ibmec São Paulo, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador:

Prof. Dr. Eduardo Giannetti da Fonseca - Ibmec SP

**São Paulo**

**2008**

Roriz, Fernando Castro de Campos  
Características Morais do Povo Brasileiro e Seus Efeitos sobre a  
Economia: Uma Análise de Macunaíma / Fernando Castro de Campos  
Roriz. – São Paulo: Ibmec, 2008.  
28 f.

Monografia: Faculdade de Economia e Administração. Ibmec  
São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Giannetti da Fonseca

1. Macunaíma 2. Povo Brasileiro 3. Instituições Brasileiras

Fernando Castro de Campos Roriz

**Características Morais do Povo Brasileiro  
e Seus Efeitos sobre a Economia: Uma Análise de Macunaíma**

Monografia apresentada à Faculdade de Economia, do Ibmec como parte dos requisitos para conclusão do curso de graduação em Economia.

Aprovado em Novembro 2008

**EXAMINADORES**

---

Prof. Dr. Eduardo Giannetti da Fonseca  
Orientador

---

Prof. Dr. Carlos Alberto Furtado de Melo  
Examinador

---

Prof. Dr. Gazi Islam  
Examinador

## Resumo

RORIZ, Fernando Castro de Campos. Características Morais do Povo Brasileiro e Seus Efeitos sobre a Economia: Uma Análise de Macunaíma. São Paulo, 2008. 29 p. Monografia – Faculdade de Economia e Administração do Ibmec São Paulo.

O presente trabalho é um estudo sobre as características morais do brasileiro analisadas à luz da obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário Andrade. Fazendo uso de excertos presentes na obra andradiana, busca-se mostrar como o brasileiro insere-se no contexto de desenvolvimento humano e institucional com o objetivo de explicar os motivos do atraso econômico do Brasil relativamente aos países desenvolvidos.

Palavras-chave: Macunaíma, Povo Brasileiro, Instituições Brasileiras.

## Abstract

RORIZ, Fernando Castro de Campos. Moral Characteristics of Brazilian People and Their Effects over the Economy: An Analysis on Macunaíma. São Paulo, 2008. 29 p. Monograph – Faculdade de Economia e Administração do Ibmec São Paulo.

The present work is a study about the moral characteristics of the Brazilian people analyzed with the support of the book *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, by Mário de Andrade. Using passages of the literary text, the work tries to show how the Brazilian people is inserted on the human and institutional development context with the aim of explaining the reasons of the Brazil's economic delay compared to the developed economies.

Key-Words: Macunaíma, Brazilian People, Brazilian Institutions.

*“Ubi bene, ibi patria” [Onde se está bem, aí é a pátria],  
diz o nosso profundo indiferentismo.”*

PAULO PRADO (1928), trecho de *Retrato do Brasil*

## Sumário

1. Introdução.....	8
2. Macunaíma: pouco caráter, muita preguiça.....	9
3. Instituições e Brasil.....	18
4. Conclusão.....	26
5. Bibliografia.....	28



## 1. Introdução

Um dos recorrentes assuntos na ciência econômica é buscar explicar a causa da riqueza e da pobreza das nações. A evidência empírica da diferença entre os graus de desenvolvimento de diversas nações do mundo salta aos olhos de qualquer observador do campo econômico.

A noção de que características institucionais específicas de países podem influenciar de modo determinante o crescimento econômico vem sendo estudada de maneira sistemática no âmbito econômico. Um dos grandes expoentes no estudo do tema é o vencedor do prêmio Nobel de Economia, Douglas North. O economista defende que as instituições e a evolução institucional podem levar a economia a um círculo virtuoso, gerando resultados bastante positivos para o crescimento da renda nestes países (North, 1990).

Aplicar tal estrutura de análise ao Brasil pode conceder-nos uma ferramenta importante para identificarmos as causas do nosso atraso econômico em relação aos países desenvolvidos. O objetivo deste trabalho é, então, a partir da literatura, explicitar algumas destas características, buscando trazer à tona evidências a partir de um texto literário das principais idiossincrasias brasileiras e os resultados para a economia.

Para isso, utilizar-se-á a obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (Andrade, 2007), de Mário de Andrade, com o intuito de extrairmos dos personagens do livro algumas especificidades institucionais do povo brasileiro.

Juntamente com esta obra literária, serão usados trabalhos relacionados com o tema “instituições e crescimento econômico” para dar suporte à aplicação do tema ao Brasil.

Assim, o presente trabalho terá a seguinte estrutura: na seção 2, serão expostas as características principais do personagem Macunaíma à luz de obras literárias e sociológicas. Em seguida, na seção 3, traçar-se-á relações entre alguns estudos sobre instituições e a obra andradiana. Na seção 4, será apresentada a conclusão do trabalho.

## 2. Macunaíma: pouco caráter, muita preguiça

Macunaíma, em sua estrutura sociológica, carrega de forma latente algumas das principais características do homem típico brasileiro. Mário de Andrade, em um prefácio nunca publicado de seu livro, diz que em sua ânsia para desvendar a entidade nacional dos brasileiros verificou apenas uma coisa certa: “o brasileiro não tem caráter”<sup>1</sup>. O autor completa:

E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior no sentimento na língua na História na andadura, tanto no bem como no mal. (...). Dessa falta de caráter psicológico creio otimistamente, deriva a nossa falta de caráter moral.<sup>2</sup>

Pensar Macunaíma como a entidade típica é propor uma linha mestra para, como colocou Darcy Ribeiro, “o brasileiro-massa, povão, desde sempre humilhado e ofendido, o que, aparentemente, é toda uma contradição.”<sup>3</sup> Assim, trazendo consigo o caráter do brasileiro, Macunaíma, em suas atitudes, é capaz de representar a ação típica que permeia a entidade nacional.

O início de qualquer análise sobre a obra de Mário de Andrade requer certo grau de aceitação sobre a dificuldade em absorver todas as variantes do caráter moral do brasileiro, seja pela não captação de características presentes no texto por parte do leitor, seja pela efetiva falta destas no texto. Mas, atento às identificadas, podemos já buscar traçar algumas análises sobre a proposta andradiana.

Gilberto Freyre, em seu livro *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro*, argumenta que os símbolos presentes em uma obra literária permitem analisar o autor e sua atitude com sua época e seu meio. Para Freyre, o maior exemplo brasileiro de uso expressivo de símbolos em uma obra literária é Macunaíma que “representa uma caricatura romanesca de um tipo pré-simbólico com alguma coisa de brasileiro fora de um tempo específico.”<sup>4</sup> Desta proposição de Gilberto Freyre podemos retirar duas propostas de Mário de Andrade em sua obra.

---

<sup>1</sup> ANDRADE (2007), p. 217.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 217.

<sup>3</sup> SILVA (2004), p. 23.

<sup>4</sup> FREYRE (1979), p. 60.

A primeira está relacionada à noção do próprio Mário de Andrade sobre sua narrativa, definindo-a como uma rapsódia, uma vez que esta é uma reunião de lendas, folclores e tradições populares das várias regiões brasileiras, sendo o herói do texto um agrupamento arquetípico de um emaranhado de características que permitem fazer do brasileiro uma entidade homogênea. Mário de Andrade faz, assim, uso incessante de símbolos típicos do Brasil sendo, inclusive, toda a narrativa delineada pela busca do herói por um amuleto indígena, o muiraquitã. Em segundo lugar, podemos perceber a proposta atemporal da obra. Inserido no contexto do modernismo brasileiro do início do século XX, a tentativa deste movimento de valorização da cultura nacional, através de fatos como a Semana de Arte Moderna de 1922 ou o *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade, transporta-se para a obra de Mário de Andrade de forma marcante em sua tentativa de buscar uma linha mestra para a entidade nacional do brasileiro, independente de regionalismos ou especificidades étnicas.

Em tal contexto de homogeneização, Gilberto Freyre trabalha um contraste existente “entre duas constantes sociológicas na formação brasileira por vias regionais: a de ‘ilha’ e a de ‘continente’.”<sup>5</sup>, donde se entende por ‘ilha’, no campo literário, os romances regionais e por ‘continente’, os romances que, assim como *Macunaíma*, carregam uma caracterização uma para todo o Brasil ou trazem consigo a presença de traços típicos do brasileiro advindo de qualquer região do país nos próprios romances regionais. Para o contexto da literatura regional, Freyre expõe:

Dentro do complexo brasileiro, um personagem baiano não se confunde com um paulista, nem sequer com um pernambucano. Nem um personagem de José de Alencar com um personagem de Érico Veríssimo: seus tempos e também seus meios sociais e regionais os condicionam e separam até certo ponto uns dos outros.<sup>6</sup>

Esta separação, só possível “até certo ponto”, reflete a presença de características do homem típico brasileiro em qualquer região do país. Assim, mesmo que os traços regionais sejam inconfundíveis, existe uma linha homogênea que é passível de ser traçada. E, para Freyre, a possibilidade da idéia de uma entidade homogênea para o homem típico brasileiro é resultado da evolução de um sistema patriarcal em todo o país, o que possibilitou o desenvolvimento de cada

---

<sup>5</sup> *Idem*, p. 69.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 66.

região a partir da mesma base. Neste contexto, a intenção de Mário de Andrade é buscar essa veia “continental” do Brasil, marginalizando especificidades regionais e valorando os traços que fazem com que qualquer cidadão seja capaz de se definir regionalmente sem se sentir menos brasileiro.

Uma evidência para esta tentativa de Mário de Andrade em “continentalizar” o homem brasileiro é a presença na obra de uma noção geográfica deturpada quanto ao espaço e ao tempo. O autor coloca:

Um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo que conseguia o mérito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea – um conceito étnico nacional e geográfico.<sup>7</sup>

Contando com esta liberdade espacial e temporal, a narrativa torna-se um jogo de viagens e deslocamentos por todas as regiões do país. Nesta dinâmica geográfica, surge uma das características mais evidentes do herói do texto: a sua volubilidade.

Macunaíma é o que precisa ser. É branco quando precisa ser branco, negro quando precisa ser negro e, metamorfoseando-se durante todo o livro, sua infundável mutabilidade é o único traço imutável. Permeado de malandragem e criatividade egoísta, Macunaíma defende seus interesses incessantemente, não hesitando em quebrar as regras e tradições estabelecidas para atingir seus objetivos. Esta sua falta de valoração do conjunto de regras vigente representa a maldição do herói. É por não respeitar as normas que Macunaíma é mais de uma vez amaldiçoado, inclusive pela sua mãe. A possibilidade de obtenção de ganhos sem muito esforço delineia o herói em toda a narrativa, mesmo que as conseqüências de tal ação possam representar para ele grandes perdas.

Esse incansável desapareço por qualquer forma de atitude que exija algum esforço é representado de forma máxima na expressão mais corriqueira de Macunaíma em todo o livro: “Ai! Que preguiça!...”. Genuinamente contrária à lógica proposta pelos valores ocidentais de crescimento econômico, balizadas principalmente pela valoração do trabalho e poupança, a falta de aptidão

---

<sup>7</sup> ANDRADE (2007), p. 220.

do herói por qualquer tipo de trabalho continuado ou valorização do futuro é evidenciado na análise de Gilda de Mello e Souza, em seu livro *O Tupi e o Alaúde*, no qual ela propõe que o herói mantém uma relação selvagem e primitiva com o dinheiro,

(...) baseada nos golpes da sorte, na busca de tesouros enterrados, na atração pelos jogos de azar. Ao contrário dos habitantes da cidade, cujos atos são ditados pela previsão e pelo lucro, o herói, no fim de ‘tantas conquistas e feitos passados (...) não possuía nem um tostão do que ganhara no bicho’.<sup>8</sup>

Essa relação selvagem transporta-se para uma série de outras peculiaridades de Macunáma. A promiscuidade sexual é recorrente em todo o livro e é por causa desta característica que, ao final do texto, o herói perde o objeto pelo qual ele passa toda a narrativa em busca, o muiraquitã.

Esse primitivismo em relação ao dinheiro e ao sexo é tratada por Paulo Prado, em seu livro *Retrato do Brasil*, como um legado dos descobridores brasileiros, os portugueses. Segundo Prado, o português que sai rumo ao Brasil é um indivíduo rude, pautado por dois impulsos: ambição (por ouro) e a sensualidade livre (ressuscitada pela Renascença).

O Renascimento transformou o modo de pensar e sentir. A repressão da Idade Média que abafava e prendia desejos humanos como poderio, saber e gozo, foi substituída pela vontade individualista. Surgem, dessa libertação, os descobrimentos. E, neste frenesi de nações européias que se lançaram ao mar, os portugueses chegaram ao Brasil. A primeira impressão da nova terra foi uma intensa visão idílica.

Esta noção paradisíaca foi fator animador de muitas viagens da Europa para o Novo Mundo. Paulo Prado escreve sobre os viajantes o trecho:

Paraíso ou realidade, nele se soltara, exaltado pela ardência do clima, o sensualismo dos aventureiros e conquistadores. Aí vinham esgotar a exuberância de mocidade e força e satisfazer os apetites de homem a quem já incomodava e repelia a organização da sociedade européia. (...) Toda a escuma turva das velhas civilizações, foi deles o Novo Mundo, nesse alvorecer.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> *O Tupi e o Alaúde* de Gilda de Mello e Souza citado em SILVA (2004), p. 26.

<sup>9</sup> PRADO (1997), p. 66.

Estes aventureiros, na sua ânsia por adequar-se à nova terra, foram bastante ávidos em sua adaptação. Absorveram a cultura indígena e, acima disso, influenciaram-se mutuamente. E, ao contrário do que ocorreu em algumas regiões do rio da Prata, onde ocorreu a colonização espanhola, não se tem notícias de mulheres vindas ao Brasil no início do séc. XVI. Este fato, para Paulo Prado,

dá uma feição especial à conquista e povoamento do Brasil. A concubinação tornou-se uma regra geral, trazendo como resultado a implantação da mestiçagem na constituição dos tipos autóctones que povoaram desde logo esta parte do Novo Mundo.<sup>10</sup>

Os relatos da época trazidos por Paulo Prado mostram a promiscuidade e descaso com praticamente todos os valores europeus católicos. Assim, surge uma sociedade que em seu processo seminal institucionalizou uma noção de valores bastante diferente da verificada na Europa.

É interessante uma citação presente no livro *Retrato do Brasil* de um senhor de engenho abismado com o depravamento e corrupção no período colonial brasileiro: “Aonde estão os irmãos da Santa Casa de Misericórdia, tão zelosos das obras de caridade e do serviço de Deus? Venham aqui para darem sepultura à Justiça, que morreu nesta terra, e não há quem a enterre honradamente.”<sup>11</sup>

Aliado a essa miscigenação cultural no cerne do nascimento do Brasil como nação, outro sentimento domina esse descobridor. Gonçalves Dias o apresenta:

Se vos perguntam por que tantos riscos se correram, por que se afrontaram tantos perigos, por que se subiram tantos montes, por que se exploraram tantos rios, por que se descobriram tantas terras, por que se avassalaram tantas tribos; dizei-o e não mentireis: – foi por cobiça.<sup>12</sup>

Essa busca desenfreada por riqueza no Novo Mundo, disfarçado na luta armada contra infiéis e mouros, consistia a trama da nova civilização insurgente. Devido ao descaso inicial português

---

<sup>10</sup> *Idem*, pp. 71-2.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 87.

<sup>12</sup> Antônio Gonçalves Dias, *Obras Póstumas*, São Luís, B. de Mattos, 1868, vol. III, cap. História Pátria, pp. 205-6.

para com o Brasil após o descobrimento, vieram de Portugal somente pessoas completamente sem perspectiva, vivendo o seu sonho de pioneiro, apenas sobrevivendo vislumbrados pela esperança de enriquecimento espontâneo.

Incentivados pelo sucesso da empreitada espanhola na região Andina e do rio da Prata, a aventura tornou-se uma obsessão alimentada principalmente pela escória de Portugal. Porém, essa busca no início foi áspera. Sem estrutura para desenvolver qualquer atividade continuada e a não existência de metais no primeiro contato fizeram do encontro inicial com a nova terra um momento de provação. As expedições colonizadoras demoraram algumas décadas após o descobrimento para serem iniciadas e, “por toda parte o aventureiro corria atrás da prata, do ouro e das pedras preciosas, que durante quase dois séculos não foram senão desilusões e enganos.”<sup>13</sup>

Essa busca incessante pelo descobrimento de ouro, representada principalmente pelas bandeiras, acabou em fins do século XVII, quando se encontrou ouro na região do estado de Minas Gerais. A metrópole rapidamente reestrutura seu sistema de tributação a fim de arrecadar com as novas descobertas. Mas, é essa riqueza opulenta e espontânea que, segundo Paulo Prado, conduz a colônia brasileira ao definhamento.

As novas descobertas permitiram à corte portuguesa viver um momento apoteótico de esbanjamento e descontrole. Porém, a desordem do processo exploratório aliado ao esgotamento das minas e o fim do processo continuado de descobertas levaram Portugal a uma importância ínfima no cenário internacional.

É nesta situação adversa que se chega ao fim da exploração de ouro no período colonial brasileiro. Dando um panorama sobre o decorrer do processo, Paulo Prado coloca:

Junto aos novos descobertos vinha, porém, morrer enfraquecida, mas sempre alucinada, a bandeira. Conservava, como desde os tempos piratinínganos, os traços característicos de sua formação: Interesse, Dinamismo, Energia, Curiosidade, Ambição. Faltavam-lhes os estimulantes afetivos de ordem moral e os de atividade mental. Nunca souberam transformar em gozo a riqueza conquistada. A sua energia intensiva e extensiva concentrava-se num sonho de enriquecimento que durou

---

<sup>13</sup> PRADO (1997), p. 100.

séculos, mas sempre enganador e fugidio. Com essa ilusão vinha morrer, sofrendo da mesma fome, da mesma sede, da mesma loucura. Ouro. Ouro. Ouro. Cobiça.<sup>14</sup>

Retira-se, assim, desta análise de Paulo Prado uma estruturação bastante contundente para a promiscuidade de Macunaíma em relação ao dinheiro e ao sexo. A civilização brasileira nasceu baseada na cobiça e na luxúria. A nossa estrutura de colonização fez com que o europeu que ao Brasil veio fosse extremamente diferente do europeu que partiu para a América do Norte ou para a América espanhola.

O resultado do embate entre a cobiça e a luxúria do colonizador português é retratado no trecho abaixo:

Na luta entre esses apetites – sem outro ideal, nem religioso, nem estético, sem nenhuma preocupação política, intelectual ou artística – criava-se pelo decurso dos séculos uma raça triste. A melancolia dos abusos venéreos e a melancolia dos que vivem na idéia fixa do enriquecimento – no absorto sem finalidade dessas paixões insaciáveis – são vincos fundos na nossa psique racial, paixões que não conhecem exceções no limitado viver instintivo do homem, mas aqui se desenvolveram de uma origem patogênica provocada sem dúvida pela ausência de sentimentos afetivos de ordem superior. Foi na exaltação desses instintos que se formou a atmosfera especial em que nasceu, viveu e proliferou o habitante da colônia.<sup>15</sup>

Paulo Prado defendia, então, a frustração do colono brasileiro, juntamente com sua lascividade, os motivos de sua tristeza. Seus objetivos gananciosos, na quase totalidade das vezes não atendidos, geram grandes desilusões que, por sua vez, aliados à falta de gosto pelo trabalho de longo prazo, faz do colono um espectador de uma providência praticamente “divina” para atender seus desejos.

Esse sentimento de tristeza é observado no final da narrativa de Mário de Andrade. Após perder o muiraquitã para sempre, Macunaíma volta para a região onde nasceu e mostra-se saudoso em relação a São Paulo, de onde ele teve que voltar “porque o navio em que tenta embarcar não o

---

<sup>14</sup> *Idem*, p. 129.

<sup>15</sup> *Idem*, pp. 140-1



aceita entre os passageiros elegantes, que se dirigem para a Europa.”<sup>16</sup> Esse saudosismo acompanha o herói em outros momentos, onde ele sempre se frustra com os seus desejos. Mas, é importante traçar a semelhança entre a visão de Paulo Prado e o livro de Mário de Andrade. O muiraquitã está para Macunaíma, assim como o ouro estava para o colonizador. É crucial perceber que os dois realizam um desbravamento de todo o país em busca de seus objetos de cobiça. E, mais importante ainda, é notar que, tanto o colonizador quanto Macunaíma possuíram seus objetos de desejo e o perderam por culpa própria.

Macunaíma perde o muiraquitã definitivamente quando, conduzido pela sua lascividade, enfrenta uma situação em que ele não consegue conter seu desejo sexual e por isso perde seu amuleto. Isto se dá quando uma das personagens do livro, Vei a Sol, representante do Sol, em certo momento da narrativa, “acolhe Macunaíma em sua jangada, propondo-lhe umas das filhas em casamento; Macunaíma agradece e jura fidelidade, mas tão logo ela se afasta, sai à procura de outra mulher, indo acasalar-se com uma portuguesa.”<sup>17</sup> Essa atitude de Macunaíma faz com que Vei a Sol lhe prepare uma armadilha ao final do livro em que ela “escorregava pelo corpo de Macunaíma, fazendo cosquinhas, virada em mão de moça. Era malvadeza da vingarenta só por causa do herói não ter se amulherado com uma das filhas da luz.”<sup>18</sup> Vei esquentou o corpo de Macunaíma até o herói não resistir e pular em uma lagoa que a Uiara<sup>19</sup> estava. Ao adentrar a lagoa, o herói briga com a sereia e, percebe, depois, que “piranhas tinham comido também o beijo dele e a muiraquitã!”<sup>20</sup> Assim, Macunaíma, percorre durante todo o livro uma vasta peregrinação desbravando o país e todo o motivo desta saga é perdido pela sua incapacidade de contenção de seus próprios desejos.

Da mesma forma, o português que colonizou o Brasil perdeu-se em seus próprios desejos. Após todo o desbravamento incessante dos bandeirantes em busca de ouro e o efetivo encontro deste, toda a riqueza obtida por essa empreitada se esvai sem que sobre disso qualquer estruturação da colônia. Pautados por estes sentimentos definidos por Paulo Prado como tirânicos, o país acaba

---

<sup>16</sup> *O Tupi e o Alaúde* de Gilda de Mello e Souza citado em SILVA(2004), p. 26.

<sup>17</sup> SILVA (2004), p. 22.

<sup>18</sup> ANDRADE (2007), p. 205.

<sup>19</sup> Segundo uma lenda indígena, a Uiara é uma sereia que banha-se cantando uma canção lindíssima. Os homens, não resistindo à sereia, pulam dentro d'água. Esta os leva para o fundo. Poucos voltam. Os que voltam ficam loucos e apenas uma benzedeira ou algum ritual realizado por um pajé consegue curá-los.

<sup>20</sup> ANDRADE (2007), pp. 206-7.

seu período de dominação como um “corpo amorfo, de mera vida vegetativa, mantendo-se apenas pelos laços tênues da língua e do culto.”<sup>21</sup>

Dessa falta de comprometimento com todo o processo colonizador conduzido por um “português transplantado”<sup>22</sup>, a noção de nacionalismo foi praticamente inexistente durante todo o processo de colonização. Como bem colocado por Paulo Prado “nem mesmo o brasileiro existia nesse período inicial. Vinha-lhe o nome da labuta do pau-brasil, como é carvoeiro o lenhador que produz carvão de madeira.”<sup>23</sup>

Assim, sem uma noção de pátria, o Brasil torna-se independente contendo apenas aglomerações de moléculas humanas que eram, basicamente, um amálgama de mestiçagem, fruto de uma colonização indiferente ao unir de raças.

Macunaíma é esse fruto. É um rebuliço de símbolos e lendas brasileiras que se alimentaram e foram alimentadas. O herói carrega consigo, então, toda uma história de colonização e choca-se com o início do desenvolvimento. O saudosismo é muitas vezes percebido como uma proposta romântica de retorno a uma situação em que ele vivia na região amazônica, onde nascera, fora de toda exigência da cidade moderna.

Mário de Andrade enxergou em seu tempo um Macunaíma “do tamanho dum homem taludo. Porém a cabeça (...) ficou pra sempre rombuda [pequena] e com carinha enjoativa de piá [menino indígena].”<sup>24</sup> Para o autor, a entidade mítica que ele criou para representar a entidade nacional e homogênea dos brasileiros era carregada de hibridismo. O corpo alcançara já sua plenitude, porém estava ligado a um cérebro imaturo, primitivo, evidenciado na presença de um recorrente primitivismo selvagem, assim como delineado por Paulo Prado.

---

<sup>21</sup> PRADO (1997), p. 160.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 145.

<sup>23</sup> *Idem*, p. 147.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 25.

### 3. Instituições e Brasil

A importância do capital humano para explicar diferentes taxas de crescimento econômico há muito vem buscando ser incorporada de forma sistemática nos modelos econômicos. Silva (Silva, 2006) aponta que estes estudos indicam que as diferenças das taxas de crescimento entre diversos países do mundo podem ser associadas a diferentes estoques de capital humano e físico e a distintos graus de produtividade da população.

Dentre as conseqüências da evolução das nações do mundo estão diferentes graus de desenvolvimento do aparato institucional, que, por sua vez, são apontados como um diferencial relevante para explicar o nível de renda destas.

Uma primeira consideração importante está no conceito de instituição. Segundo Douglas North, instituições representam um aparato desenvolvido pelos homens a fim de estruturar as interações entre estes. Elas são compostas por fatores formais e informais e suas restrições (North, 1990). Uma boa infra-estrutura institucional age, como apontado por Silva (Silva, 2006), como tecnologias sociais, que podem criar um ambiente social e institucional favorável às atividades econômicas.

O objetivo desta seção é, a partir disso, fazer uso de trabalhos sobre o tema acima conjuntamente com a obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, a fim de buscar relações entre o que os autores que trabalham o tema “instituições” propõem como sendo importantes atributos para o crescimento econômico e quais destes fatores podemos perceber ou não no Brasil.

Giannetti (Giannetti, 1993) em seu livro *Vícios Privados, Benefícios Públicos?* defende que os elementos essenciais de qualquer sistema econômico são as regras do jogo e a qualidade dos jogadores. O autor, no último capítulo, trabalha essencialmente sobre a importância da ética como fator de produção, isto é, quais atributos de caráter são ideais para fazer com que uma economia obtenha o melhor resultado em termos de crescimento econômico.

Primeiramente, é comentada uma série de relatos de pesquisadores que se aventuraram em buscar entender de alguma forma os motivos de algumas nações se encontrarem em relativo atraso econômico.

Um destes observadores foi o naturalista alemão Alexander Von Humboldt. Em sua viagem à América do Sul, Humboldt apontou dois traços que o chamaram a atenção em relação à região tropical:

Primeiro, a espantosa fertilidade do solo e a facilidade com que era possível obter o mínimo necessário para garantir a sobrevivência. E, segundo, a absoluta falta de aptidão material dos nativos e a condição de ‘apatia letárgica’ na qual eles se deixavam levar pela vida.<sup>25</sup>

Estas duas características podem ser percebidas na obra andradiana: a primeira pode ser notada em um trecho em que Macunaíma pede para sua mãe fechar os olhos e a leva para o outro lado do rio, perto de onde eles moravam. Ao chegarem lá, “quando a velha abriu os olhos estava tudo lá e tinha caça peixes, bananeiras dando, tinha comida por demais. Então foi cortar banana.”<sup>26</sup>; a segunda pode ser notada em um ponto em que Macunaíma, ao chegar em São Paulo, estava completamente sem dinheiro, pois a moeda utilizada na cidade não era mais as sementes de cacau que valiam como moeda na mata. Assim, ao perceber que seu dinheiro não valia, “Macunaíma ficou muito contrariado. Ter de trabucar [trabalhar], ele, herói!... Murmurou desolado: - Ai! que preguiça!...”<sup>27</sup>

Pelos trechos acima, podemos perceber que as conclusões de Humboldt para a América espanhola podem também valer para o Brasil. Para Humboldt, “a própria prodigalidade da natureza a seu redor seria uma espécie de maldição disfarçada que conspirava para torná-los [os sul-americanos] assim apáticos e largados.”<sup>28</sup> Neste contexto, o atraso brasileiro poderia ser explicado, segundo Humboldt, pela abundante presença de recursos naturais e pela completa falta de aptidão dos habitantes dos trópicos para o trabalho continuado.

---

<sup>25</sup> GIANNETTI (1993), p. 158.

<sup>26</sup> ANDRADE (2006), p. 22.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 51.

<sup>28</sup> GIANNETTI (1993), p. 159.

John Stuart Mill também buscou entender como seria o modo de vida dos habitantes dos trópicos e suas conseqüências. Giannetti cita o seguinte trecho de Mill:

A vida humana nessas nações pode ser mantida com tão pouco que os pobres raramente sofrem de ansiedade, e nos climas onde o mero existir é um prazer, o luxo que eles preferem é o do repouso. Energia, sob o apelo da paixão, eles a possuem em abundância, mas não aquela que se manifesta no trabalho contínuo e perseverante. E, como eles raramente se preocupam o bastante acerca de objetivos remotos para estabelecer boas instituições políticas, os incentivos à industriiosidade são ainda mais enfraquecidos pela proteção imperfeita de seus frutos.<sup>29</sup>

O trecho acima pode ser visto “traduzido” em *Macunaíma* no seguinte excerto, após ele se tornar o novo imperador do Mato-Virgem:

O herói vivia sossegado. Passava os dias marupiara [feliz] na rede matando formigas taiocas, chupitando golinhos estalados de pajuari [bebida estimulante] (...).

De noite Ci [esposa de Macunaíma] chegava (...) e trepava na rede que ela mesmo tecera com fios de cabelo. Os dois brincavam e depois ficavam rindo um pro outro.

(...)

Macunaíma [depois de muito brincarem] mal esboçava de tão chumbado. E procurando um macio nos cabelos da companheira adormecia feliz.<sup>30</sup>

Assim, de certa forma, o Brasil representa, para Macunaíma, um lugar em que “o mero existir é um prazer”, pois, para garantir a sobrevivência e poder desfrutar dos prazeres da carne, o esforço exigido não é muito grande

Em outro trecho presente neste capítulo, Giannetti discorre sobre um estudo desenvolvido por Edward Banfield em uma comunidade do sul da Itália em que ele observou um fenômeno que ocorria dentro desta comunidade, denominando-o familismo amoral. Este fenômeno consistia em determinar suas ações baseado em uma seguinte regra de conduta: “maximize a vantagem material de curto prazo da família nuclear e assumo que todos os outros farão o mesmo.”<sup>31</sup>

<sup>29</sup> *Principles* de John Stuart Mill citado em GIANNETTI (1993), p. 172.

<sup>30</sup> ANDRADE (1993), pp. 32-3

<sup>31</sup> *The Moral Basis of a Backward Society*. p. 85. de Edward Banfield citado em GIANNETTI (1993), p. 156.

O efeito imediato deste comportamento seria, então, “uma atmosfera generalizada de ‘ansiedade, suspeita e ódio’.”<sup>32</sup> O estudioso dessa comunidade percebeu que o atraso desta região era exatamente causado por esta característica.

Podem-se perceber, nesse ponto, certas semelhanças entre essa região e o Brasil. Giannetti aponta:

Uma situação em que os indivíduos exploram em benefício próprio cada brecha aberta pela sorte ou descuido alheio; em que cada um sabe que os outros estão prontos para lograr e passar a perna em quem quer que seja; em que os (poucos) ricos são vistos como ‘proveitadores e hipócritas’ e os (muitos) pobres como ‘maliciosos e turrões’; em que os profissionais liberais se servem de seus conhecimentos e habilidades não para atender, mas para explorar a ignorância de seus clientes; (...); em que ‘dá-se como certo que todos aqueles que podem trapacear no pagamento de impostos farão isso’; e em que, por fim, quem porventura deixa escapar uma chance de ‘levar vantagem’ passa por otário.<sup>33</sup>

A visão acima se assemelha a um “retrato” do Brasil. A presença das características observadas em uma comunidade italiana no cotidiano brasileiro mostra a universalidade de certas características morais. Mário de Andrade buscou também trazer estas características para sua obra. Não se percebe na obra andradiana qualquer atitude de confiança incondicional para com os outros indivíduos, além de que Macunaíma, em nenhum momento, hesita em passar por cima de valores sociais e morais para obter seus objetivos.

O egoísmo no sentido de sempre buscar seu auto-interesse está presente em Macunaíma. O livro todo trabalha uma busca incessante do herói atrás de um amuleto por ele perdido e que fora dado a ele por sua esposa logo antes de morrer. Nessa busca incessante, ele atravessa o Brasil, deixa o reduto da mata onde nascera para morar em São Paulo e termina, ao final, combatendo um gigante para reaver seu amuleto.

---

<sup>32</sup> GIANNETTI (1993), p. 156.

<sup>33</sup> *Idem*, p. 156.

Assim, o auto-interesse, afirmado pelos economistas como fator essencial para gerar o entrelaço entre os agentes e, dessa forma, chegar a uma situação eficiente, ocorre. Porém, a “mão invisível” não tem controle, e o auto-interesse não só pode como passa dos limites.

Giannetti aponta que não há uma delimitação explícita entre o auto-interesse individual e o auto-interesse social. Saber quando abrir mão de interesses próprios a fim de salvar o interesse coletivo é essencial para gerar um círculo virtuoso na geração de riquezas. Ou, como metaforizado pelo autor:

O filtro do auto-interesse funciona aqui como o sistema de freios num automóvel de corrida. Embora a função específica do freio seja reduzir a velocidade do carro, o seu uso permite que ele ande mais rápido na pista do que um carro que não o possui. Na corrida da grande multidão smithiana de riquezas, honrarias e promoções, o egoísmo sem freios não vai longe.<sup>34</sup>

Macunaíma perde-se em si mesmo. Por não resistir à promessa feita à criatura Vei, a Sol, em casar com uma de suas filhas, Macunaíma perde o amuleto pelo qual ele atravessou todo o país e lutou contra um gigante. É nessa incapacidade do herói em manter sua palavra que se nota o descaso dele para o que Giannetti cita como uma das características éticas vitais para o sucesso econômico de uma nação: “o papel da confiança ou ‘fé na vida comum’.”<sup>35</sup>

Em outros pontos do livro, nenhuma personagem confia cegamente em Macunaíma. A falta de caráter do herói, já presente no título do livro impossibilita a conclusão de Arrow citada por Giannetti:

A presença daquilo que numa terminologia um pouco antiquada eram chamadas ‘virtudes’ desempenha um papel significativo no sistema econômico (...) Muitos de nós consideramos ser possível que o processo de troca requeira a presença de inúmeras dessas virtudes, ou seja pelo menos grandemente facilitado por elas (...).<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> *Idem*, pp. 157-8.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 175.

<sup>36</sup> *Gifts and Exchanges*, p. 15, de Kenneth Arrow citado em GIANNETTI (1993).

Assim, a “engrenagem” do sistema econômico, as trocas, fica fortemente prejudicada, eliminando a implementação de um círculo virtuoso que é capaz de fazer com que a economia passe a “girar” de forma sustentável no longo prazo.

Outro fator defendido por Eduardo Giannetti como sendo de suma importância para o sucesso econômico é o capital humano. Podendo ser considerado tão importante como qualquer outra forma de capital, o capital humano traz consigo peculiaridades como a não-transferibilidade.

Uma primeira variante do capital humano seria a obtenção de faculdades intelectuais para uso no processo de produção, tornando-o mais eficiente e rentável. Neste ponto, é importante ressaltar que Macunaíma, em nenhum momento de seu livro busca o trabalho e, muito menos, tenta obter qualquer qualificação para utilizá-la em alguma tarefa laboral. Pelo contrário, a validade econômica do único momento em que se dedica ao estudo em todo o livro é, provavelmente, prejudicial à geração de riqueza: ao se revoltar contra a coleção de pedras de seu rival, o gigante Piaimã, Macunaíma escolhe não colecionar pedras, pois, afinal, “pra que mais pedra que é tão pesado de carregar!”<sup>37</sup>, então o herói

Matutou matutou e resolveu. Fazia coleção de palavras-feias de que gostava tanto.

Se aplicou. Num átimo reuniu milietas delas em todas as falas vivas e até nas línguas grega e latina que estava estudando um bocado. A coleção italiana era completa, com palavras pra todas as horas do dia, todos os dias do ano, todas as circunstâncias da vida e sentimentos humanos. Cada bocagem!<sup>38</sup>

Outra variante do capital humano trabalhada por Giannetti é a ética, isto é, “a formação de faculdade e atributos morais favoráveis à criação de riqueza.”<sup>39</sup> Neste ponto, Giannetti cita o economista Alfred Marshall que incluiu o “caráter moral” da população entre os “agentes de produção”.

Neste ponto, é importante trazer à tona novamente o título do livro: *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, evidenciando que, segundo Mário de Andrade, o fator apontado por Marshall

---

<sup>37</sup> ANDRADE (2006), p. 70.

<sup>38</sup> *Idem*, p. 71.

<sup>39</sup> GIANNETTI (1993), p. 178.



como importante insumo de produção não é somente, de alguma forma, deficiente no Brasil, mas, mais do que isso, não existe, explicitando que este gerador de riqueza não está presente de forma alguma no brasileiro.

Seguindo neste tipo de abordagem, Silva (2006) trabalhou o tema sobre quais são as relações entre instituições e crescimento econômico. Segundo Silva, existem duas formas de analisar essa relação.

A primeira forma assume que as instituições podem produzir maiores ou menores custos de transação. Custos de transação podem ser traduzidos como a perda de recursos em uma troca, inclusive recursos que poderiam ser investidos em capital humano ou físico. A segunda assume que as instituições podem gerar estruturas de incentivos mais ou menos produtivas. Neste caso, a relação entre instituições e crescimento se dá na alocação dos recursos escassos em atividades produtivas ou improdutivas.

Como foi observado anteriormente, Macunaíma, através de sua estrutura moral, mina as duas ligações entre instituições e crescimento econômico. A primeira é deteriorada pela desconfiança generalizada, isto é, pela inexistência de “fé na vida comum”, o que faz com que os custos de transação em quaisquer negociações tenham maiores probabilidades de tomar proporções suficientemente grandes para fazer com que a transação não seja efetivada. A segunda é colocada de lado através do descaso total do herói para com o trabalho. Dessa forma, toda a geração de recursos que Macunaíma poderia promover é voltada para atividades inócuas para o âmbito econômico.

Outro ponto relevante trabalhado por Silva (1996) refere-se aos custos da corrupção para o sistema econômico. Silva aponta que a corrupção é uma atitude racional dos agentes, pois, “a rigor, todos os agentes, se puderem, caçam renda dentro e fora da lei, caso não haja nenhuma consideração de restrição moral ou legal que imponha algum custo à ação.”<sup>40</sup>

Apesar, de poder ser justificada como uma atitude racional, ela é ineficiente, pois aloca recursos escassos em atividades não necessariamente produtivas. Além disso, a necessidade de garantir a

---

<sup>40</sup> SILVA (1996)

efetivação da corrupção pode envolver, por exemplo, subornos e propinas que beneficiam alguns agentes, mas, são ineficientes do ponto de vista social.

O tema corrupção pode ser percebido no livro *Macunaíma* em um momento que o herói envia uma carta às Icamiabas, tribo sobre a qual ele imperava no Mato-Virgem. Ao mandar esta carta, o herói discorre sobre a polícia e seus atos de corrupção:

(...) São Paulo está dotada de mui aguerrida e vultuosa Polícia, que habita palácios brancos de custosa engenharia. A essa Polícia compete ainda equilibrar os excessos da riqueza pública, por se não desvalorizar o ouro incontável da Nação; e tal diligência emprega nesse afã, que, por todos os lados devora os dinheiros nacionais, quer em paradas e roupagens luzidas, quer em ginásticas da recomendável Eugénia, que inda não tivemos o prazer de conhecermos.<sup>41</sup>

Assim, mesmo Macunaíma percebe essa falta de comprometimento de um órgão público para com o recurso comum. Nesta busca pela obtenção de recursos, mesmo que de forma ilegal, aliada a todos os pontos mostrados anteriormente nos quais o Brasil não se apresenta possuidor de nenhuma característica moral economicamente positiva, caminhamos para uma situação que Silva aponta como “nefasta, principalmente em se tratando de países pobres.”<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> ANDRADE (2003), p. 105.

<sup>42</sup> SILVA (1996)

#### 4. Conclusão

Este trabalho buscou mostrar, a partir da obra *Macunaíma, herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, quais características morais relevantes para a economia estão presentes no personagem principal do livro, Macunaíma.

A conclusão central é a de que nenhum dos fatores morais apontados como importantes para a promoção de crescimento econômico é percebido em Macunaíma. Assumindo que o herói absorve as principais características do brasileiro, podemos, dessa maneira, atribuir o relativo atraso econômico do Brasil em relação aos países desenvolvidos a essa completa falta de aptidão moral do povo brasileiro.

Porém, assumir este fato como um fatalismo imutável é contentar-se com menos. O que se deve questionar, como apontou Giannetti, “é a crença em atalhos, saltos, loterias ou vias expressas rumo à prosperidade geral.”, e passarmos a acreditar, como acreditava Alfred Marshall de que “no longo prazo, a riqueza nacional é governada mais pelo caráter da população do que pela abundância de recursos naturais.”<sup>43</sup>

Buscarmos desenvolver instituições adequadas a nossa realidade pode ser um passo para começarmos uma mudança de paradigma. Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil* colocou:

A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. (...) Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda uns desterrados em nossa terra.<sup>44</sup>

Um ajuste inicial das regras do jogo é importante e deve ser o passo inicial, mas o principal é adequarmos nosso aparato institucional ao povo brasileiro, abrindo espaço para uma adaptação de modelos externos, e não uma implementação literal.

---

<sup>43</sup> Alfred Marshall citado em GIANNETTI (1993), p. 183.

<sup>44</sup> HOLANDA (1995)

Marshall sugeriu que “embora as instituições possam ser transformadas de forma rápida, para que perdurem, elas precisam ser adaptadas ao homem.”<sup>45</sup> Assim, cabe aos próprios brasileiros o desafio de desenvolver uma infra-estrutura institucional adequada às nossas condições e características morais de forma que os efeitos sobre a economia passem a ser observados de maneira positiva e promotora de crescimento econômico e desenvolvimento da nação.

---

<sup>45</sup> Alfred Marshall citado em GIANNETTI (1993), p. 183.

## 5. Bibliografia

Andrade, Mário de. *Macunaíma, O Herói Sem Nenhum Caráter*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2007. 240 p.

Freyre, Gilberto. *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Editora Cultrix. 1979. 160 p.

Giannetti, Eduardo. *Vícios Privados, Benefícios Públicos?: a ética na riqueza das nações*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 244 p.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220 p.

Mattos, L. V. *A Natureza Humana e o 'Homem Econômico' Milliano*. São Paulo: Estudos Econômicos, jan-abr, 1997. p.69-96

Mills, C. Wright. *A Imaginação Sociológica*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965. p.11-18

North, D. C. *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Prado, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 319 p.

Silva, Marcos Fernandes G. da. *Robinson Crusóe e Macunaíma: Um Ensaio sobre Eficiência, Justiça e Racionalidade Econômica*. São Paulo: FGV-EAESP/GVpesquisa, Relatório de Pesquisa 19, 2004.

Silva, Marcos Fernandes G. da. *Cooperation, Social Capital and Economic Performance*. São Paulo: Revista de Economia Política, v. 26, n. 3, jul-set, 2006. p. 345-363.

Silva, Marcos Fernandes G. da. *A Economia Política da Corrupção*. São Paulo: Estudos Econômicos da Construção, v. 2, 1996. p. 71-96

Watts, Michael. *The Literary Book of Economics*. 1. ed. Wilmington: ISI Books, 2003. 348 p.